

AUGUSTO NEUPARTH



A nossa galeria obituarial de homens illustres registra hoje, desgraçadamente, o vulto notavel de Augusto Neuparth, um artista de alevantado merecimento, unico-no seu genero, de todos conhecido e por todos estimado, conhecimento e estima que elle soube conquistar tanto pelo seu talento verdadeiramente excepcional como pelo seu trato affabilmente sympathico e pelo seu character habilmente conciliador.

A morte de Augusto Neuparth, que é geralmente para a arte musical e em particular para muitas agremiações uma perda do maior alcance, significa tambem para nós um desgosto bem profundo, como esse que experimentamos sempre que vemos desaparecer mais um dos irmãos queridos d'essa nobre familia que se chama a Arte.

POR AHI...

A camara dos deputados começou esta semana a occupar-se de uma coisa seguramente mais util de que todas as que lhe tem tomado o tempo durante a presente legislatura.

Foi o sr. Consiglieri Pedroso quem, descendo do illustre professorado do Curso Superior de Letras, ao desprezencioso mester de professor de primeiras ditas, tomou a iniciativa d'esse instante melhoramento no seio da representação nacional, começando a instruir o sr. presidente do conselho sobre a significação do vocabulo *imediatamente*, para o que se havia premunido do indispensavel dictionario da Moracs.

O sr. José Luciano mostrou-se refractario ao ensino, continuando a teimar na sua, o que não admira, visto o illustre professor ter ido logo ás do cabo do dictionario, quando devêra antes, methodicamente, principiar pela cartilha, seguindo depois progressivamente no emprego dos methodos usuacs, por onde se consegue a pouco e pouco cultivar e desenvolver as intelligencias tenrinhas como a do sr. presidente do conselho.

E' melhor guardar o dictionario para quando os illustres ministros e deputados já tenham a instrução bastante para darem começo á faina dos significados.

Por ora é melhor que se applicuem ao b a ba fugiu a burra, porque de vagar se vae ao longe.

Depois de escriptas as linhas que antecedem, veio ao nosso conhecimento a grata noticia de que o parlamento já resolvêra praticar precisamente como lhe estavamos aconselhando, no que colheu tão lisongeiros resultados que os decuriões da classe já hontem conjugavam verbos com uma facilidade extraordinaria!

Houve uma sabatina entre os decuriões Oliveira Mattos e Gomes Netto, o ultimo dos quaes interrogou o primeiro.

Decurião Gomes Netto: — Conjugue lá o presente indicativo do verbo fugir.

Decurião Oliveira Mattos:

Eu fujo
Tu raspas-te
Elle misca-se
Nós tingamo-nos
Vós safacs-vos
Elles piram-se.

— Agora o preterito imperfeito do mesmo verbo

Eu fugia
Tu punhas-te na alheta
Elle batia canella
Nós punhamo-nos na pizeza
Vós passaveis os butes
Elles davam ás de villa Diogo.

Depois passou o decurião Oliveira Mattos a interrogar o decurião Gomes Netto.

— Conjugue o preterito perfeito composto do verbo prender.

—Eu tenho prendido
Tu tens capturado
Elle tem pregado no estarim
Nós temos posto á sombra
Vós tendes levado para o chelindrau

Elles tem mandado para as unhas do Firmino João Lopes

O sr. Gomes Netto continua a fazer o mais descarado dos namoros á villa das Caldas da Rainha, apesar d'essa respeitavel matrona ser a esposa politica do seu correligionario o sr. Francisco Machado!

Eleitoralmente fallando está-lhe o corpo a pedir um adulteriosinho...

Debalde o sr. Machado lhe grita rubro de ciume, nas suas correspondencias para a *Provincia*, que não attente contra o nono mandamento desejando a mulher do proximo, e que vá para Caparica, que é a sua legitima esposa, a face da igreja e do carneiro com batatas.

O sr. Gomes Netto responde a isso que catrapisca e deseja a mulher do proximo pois se reputa incompativel com a mulher que Deus lhe deu por intermedio do sr. ministro da fazenda.

Caparica estava costumada ao Jayme Arthur da Costa Pinto, que representava para ella, além de um bom deputado, um excellente bombeiro voluntario.

Em Caparica se sentindo abrasada em chammas — e era coisa que lhe dava sempre tres vezes por semana — lá estava o Costa Pinto de agulheta em punho, prompto a apagar-lhe a calma viva.

Viuva de tão diligente e bom marido, Caparica viu-se de repente nos braços do seu esposo actual, o sr. Gomes Netto, o qual tem a negação mais completa para aquelle genero de exercicios!

Inutilmente s. ex.^a tirocina com frequencia nas fainas de bombeiro, afim de attingir os merecimentos do seu antepassado!

Já tem construido na sua chaminé mais de duzentas Caparicas artificiaes, de carqueja e carvão de cêpa, a que depois deita fogo, accudindo immediatamente e em trajos de bombeiro, e esforçando-se por dominar o terrivel elemento.

Por mais rapidos porém que sejam os soccorros e por mais acertadas providencias que se dêem, basta o vento produzido pelas abas da sobrecasaca de s. ex.^a para que o incendio se desenvolva terrivelmente, inutilizando todos os esforços e sacrificios empregados.

É por isso que o sr. Gomes Netto resolveu repu-

diar a sua legitima mulher politica, cuja indole *fogueira* não vae nada á sua bola e conquistar as boas graças da esposa politica do sr. Machado, cujas aguas (as da esposa) se dão perfeitamente com os seus achaques de rheumatismo.

Como, porém, não deseje hostilisar o seu correligionario e apenas pretenda organizar as coisas de forma que, voltando a ser deputado por Caparica, não tenha que vêr-se abarbado com incendios e antes confortado por banhos de deliciosas thermas, o sr. Gomes Netto vae apresentar ao parlamento um projecto de lei pelo qual fique auctorisada a transferenciar das aguas das Caldas para o sitio de Caparica, recebendo as Caldas, em premutação, os incendios de Caparica, o Joaquim dos Melões e o edificio do Lazareto.

Não ha como o talento para harmonisar as coisas mais intrincadas d'este mundo!...

O *Diário Popular* apresenta aos seus leitores um novo redactor chamado Topsisus, o qual, segundo a expressão d'aquella folha, vae descrever «as casas de beneficencia de Lisboa, os seus espectaculos, os nossos monumentos, as paixões da cidade, as suas alegrias, os nossos mercados, a *nota viva*, enfim a nota morta, tudo nas pretas cristalizações da letrinha de imprensa.»

Teremos muito gosto em apreciar as *cristalizações pretas* do joven redactor, mas sempre o prevenimos de que, quando faça exhibições da *nota viva* e da *nota morta* — sobretudo da ultima—nos deve avisar com vinte e quatro horas de antecedencia, afim de mandarmos accender o nosso defumador...

A proposito do referido redactor, conta ainda o *Diário Popular* uma aventura qualquer, que começa pelo seguinte periodo:

«Ha 20 annos elle era piloto do vapor *D. Luiz*, que fazia a carreira do Algarve. Um dia, seriam 9 horas da manhã, surdiu-lhe na tolda, nauseado, aborrido, esbarrigado, com csgares nos olhos, um caloiro que ia para Coimbra.»

Este caloiro que ia para Coimbra a bordo do vapor que fazia a carreira do Algarve era filho primogenito d'aquelle sujeito que costumava ir a França por Tavira.

Apesar do calor enorme que a todos nos traz seccos como uns bacalhás da Noruega, o sr. presidente da camara dos deputados ainda não se lembrou de fazer a obra de misericórdia que manda dar de beber a quem tem sede, dotando a tribuna da imprensa com o importantissimo melhoramento d'uma caneca e d'um maringue de Estremoz.

Jornalista que esteja com a lingua de fóra tem de vir ao corredor da camara—se o continuo deixar passar—e beber agua pela torneira, porque a respeito de copo é coisa que tambem lá não ha.

Mais comiserção tecm alguns logistas pelos cães,

mandando pôr baldes d'agua á porta do estabelecimento.

Se o sr. presidente tem receio de arruinar a camara com a extravagancia de duas canecas, dê ao menos licença para que o Neves do Rocio estabeleça ali uma succursal da sua agua de Caneças.

Dê-nos canecas e bilha

Emquanto houver estas secas,

Com cedilha ou sem cedilha,

Ou *Caneças*, ou *canecas!*

PAN-TARANTULA.

A PROTECÇÃO AOS BANCOS

O sr. presidente do conselho, declarou no parlamento que o governo pensára em salvar os bancos do Porto da situação critica em que se acham comprometidos por via do syndicato de Salamanca.

No momento actual—quando precisamente toda a gente se atarefa no descobrimento de apparatus salvavidas—a ideia do governo pareceu-nos de todo o ponto conceituosa e opportunaa.

Se applaudimos a iniciativa particular porque esta cuida no salvamento dos que estão em risco de arder, não podemos deixar de felicitar a iniciativa official quando esta se occupa em salvar aquelles que estão em perigo justamente do contrario de arder—visto estarem ameaçados de ir por agua abaixo...

Para levar á realidade o seu caridoso pensamento, tinha o governo uma grande diversidade de recursos.

Assim, por exemplo, o gabinete abria em seu seio, que, é como fica dito, um manancial de benemerencia; abria em seu seio a proverbial subscrição, mediante a qual entre nós é uso acendrir ás desgraças que estão affligindo o proximo.

Uma folha de papel almaço, pautado, azul, tendo por cabeçalho, em calligraphia nedia e o mais *carlos-silvina* que se pudesse arranjar:

SUBSCRIPÇÃO PROMOVIDA PELO GOVERNO DE S. MAGESTADE, E CUJO PRODUCTO É DESTINADO A ACCUDIR ÁS PRECARIAS CIRCUMSTANCIAS EM QUE SE ENCONTRAM OS BANCOS DA CIDADE INVICTA.

Isto instruido com o attestado de pobreza passado pelo parcho e o de bom comportamento moral e civil assignado pelo competente regedor, dava necessariamente um resultado muito lisongeiro para o equilibrio das finanças dos referidos bancos.

E, em ultimo caso, o governo podia mais solicitar do *Diário de Noticias* que includesse os desventurados bancos no numero dos contemplados por occasião do *Natal dos pobresinhos*.

Quando tal recurso fosse insufficiente, tinha ainda

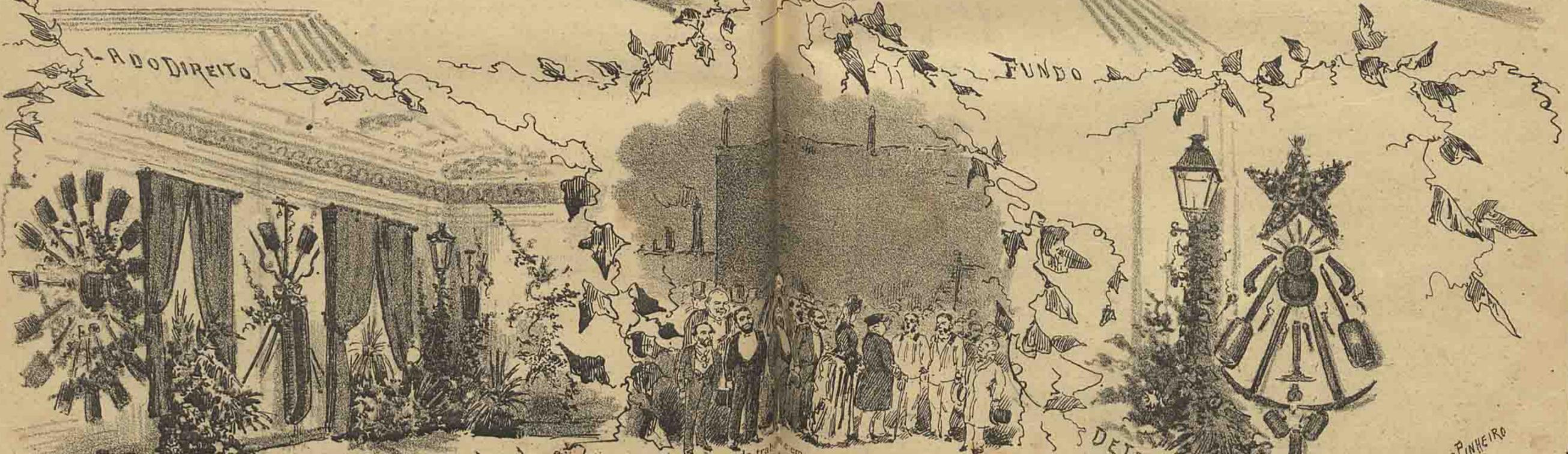
A FESTA DA COMPANHIA DO GAZ

ORNAMENTAÇÃO DA SALA



LADO DIREITO

FUNDO



DETALHE

RAPHAEL BORRALLO PINHEIRO

Sympatica como todas as festas do trabalho, esta festa despertou em nosso povo um movimento affectuoso por essa Companhia que se esforça por engrandecel-a.

o governo o expediente d'uma kermesse na Tapada, d'um bazar de sortes em Santo Antonio dos Capuchos, d'uma toirada de curiosos no Campo de Sant'Anna e até d'uma funcção gymnastica no circo do Coliseu, para a qual concorrer efficaçmente a collaboração do proprio gabinete.

O elenco seria o seguinte:

1.º clown.....	sr. José Luciano
Voltigeuse.....	» Barros Gomes
Domador de feras....	» S. Januario
Homem das forças...	» Navarro
Escamoteador.....	» Marianno.

Era funcção para se venderem os bilhetes pelo dobro do preço—até aos accionistas dos Recreios!

Mas o governo entendeu que o expediente mais simples para auxiliar os bancos do Porto era fazer sahír tal auxilio dos cofres do erario.

Effectivamente, além de simples, não havia nada de mais justo!

Porque a situação é clara com agua do chafariz do Carmo.

Temos nós, em primeiro lugar, uns desgraçados argentarios, directores de bancos e que—de duas uma—ou por inepcia ou por má fé, comprometteram os haveres dos seus accionistas.

Temos, em segundo logar, uns desventurados accionistas que estavam costumados a receber todos os annos bom juro do seu dinheiro, sem terem o menor trabalho, de braços cruzados e perninha estendida, não se dando ao menos o incommodo de assistir ás assembléas geraes, e que se võem agora muito atrapalhados, da sua vida, não sabendo se devam negociar as suas accções na bolsa se nos estabelecimentos de mercearia.

Que fazer em tão complicada situação?

Dizer aos directores que assumam a responsabilidade da sua má administração? Que dispam até a ultima camisa, como faz qualquer particular fallido, para pagar quanto possivel os debitos aos credores?

Dizer aos accionistas que se aguentem no balanço? Que não fossem tolos nem mandriões, deixando o seu dinheiro ao Deus dará como o Bahia, sem se preoccuparem com as negociatas ruinosas e pensando apenas no juro nosso de cada dia nos dae hoje?

Mas isso fóra d'uma inqualificavel atrocidade!

Dizer aos directores que dispam a camisa?!

E a moralidade?

E as constipações?

E o umbigo de ss. ex.ª?...

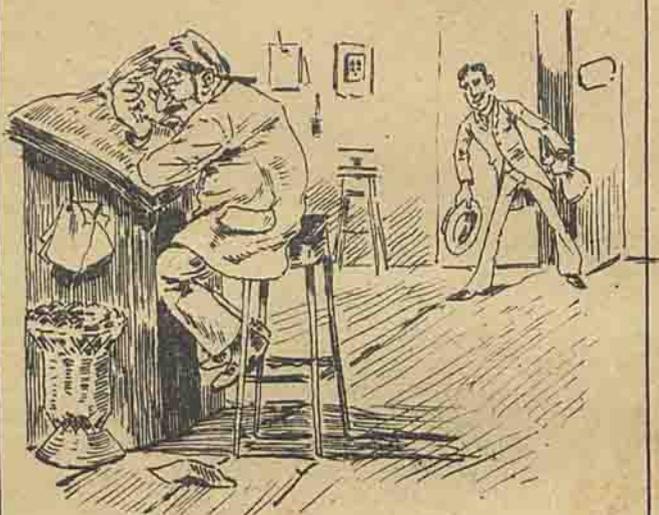
Nada! Quem deve sanar as difficuldades criadas pela inepcia dos srs. directores de bancos não é a camisa de tão respeitaveis cavalheiros: é a camisa do contribuinte, é a camisa do pobre, do que se assenta no chão por não ter dois patacos para pagar o fundo d'uma cadeira, mas que é o responsavel pelos fundos dos bancos onde os directores se espernegam em fofas othomanas...

PAN-TARANTULA.

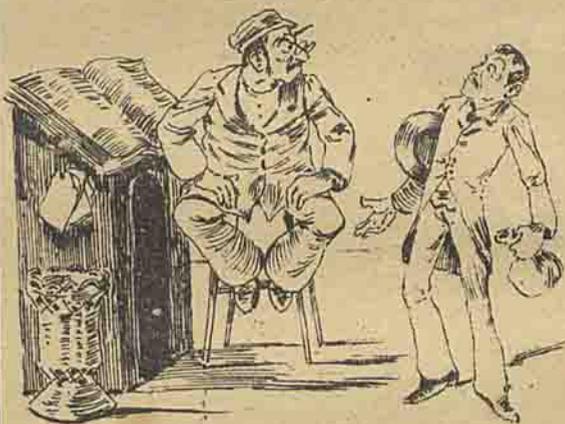
CASOS TYPOS E COSTUMES

A DIVIDA

A' secretaria, o banqueiro,
Medita sobre os papeis,
Na demora do caixeiro
Que foi cobrar em dinheiro
Cento e noventa mil réis.



Vermelho de rubra cõr
O caixeiro emfim desponta:
Diz que é medonho o calor,
Procurára o devedor,
O qual não pagára a conta.



—Não pagou?!—grande sandeu!—
Não pagou e vens-te embora?!
Não pagou esse judeu?
Não pagou?! pois vou lá eu!
Não pagou?! pois paga agora!



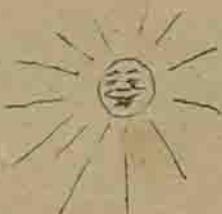
E d'ali, como um xara,
Sae correndo espantadiço,
Emquanto o caixeiro, o Lara,
Diz com trejeitos na cara:
—Vacs ganhar muito com isso!...



Ao principio, a raiva n'alma
Fal-o andar em vivo surto:
O excesso, porém, da calma,
Pouco a pouco a febre-acalma,
Tornando o passo mais curto.



Mais o calor o agarrocha
Sem que corra a menor brisa!
E o suor que desabrocha
Cae, como pingos de tocha,
No peitilho da camisa!



Offegante de cansaço
E cõr das rubras papoilas,
Inda afrouxa mais o passo
Pois que o suor do cachaço
Chega á fita das ceoilas!



Eil-o emfim no patamar
Do devedor pulha e mau...
Mas tem inda que trepar
Té lá cima ao quinto andar
— Dez lanços, mais um degrau!



E elle, ha pouco, em raiva acceso,
Da cancella se avisinha,
Já tão mol', tão pouco teso,
Que ao tocar, co'o proprio peso,
Quebra a corda á campainha!

(Continúa na proximo numero.)

PAN-TARANTULA.



M. J. Tavo. Des. d'Alto Lino.

O MELÃO DA CHEFIA



— A mim é que entregaram o melão, mas cada um leva a sua talhada e eu fico apenas com as pevides... e as tripas!